



AUDIOVISUALIDADES MACUMBEIRAS, RIBEIRINHAS E TORCEDORAS DA INFÂNCIA

AUDIOVISUALIDADES MACUMBEIRAS, RIBEREÑAS E HINCHAS DE LA INFANCIA

MACUMBEIRA, RIVERINE, AND CHILDHOOD FAN AUDIOVISUALITIES

Stela Guedes Caputo¹Luis Osete²Raphael Bozeo de Souza³**RESUMO**

Há algum tempo, praticamos o que chamamos de Fotoetnografia Miúda. Neste artigo, desdobramos essa proposta metodológica em diferentes territórios com três noções que nos permitem pensar as imagens produzidas com crianças a partir de seus modos situados de existir no mundo. Chamamos de *audiovisualidades macumbeiras* aquelas que emergem das experiências de crianças de terreiros de Candomblé; de *audiovisualidades ribeirinhas* as que se tecem com crianças do rio São Francisco em suas relações com o Opará; e de *audiovisualidades torcedoras da infância*, as imagens, sons e gestos que nascem dos encontros das crianças com o futebol em estádios, campinhos e telas. A partir de uma escrita inspirada nas fotografias e conversas com crianças, mostramos que essas audiovisualidades não funcionam como ilustrações, mas como linguagem que reposiciona as crianças como sujeitos epistêmicos. Além disso, ao compreender essas produções como práticas tecnoculturais atravessadas por dispositivos, plataformas e circuitos de compartilhamento, o artigo abre uma porta para dialogar com os estudos da ciberultura, enfatizando que o sentido das imagens não se encerra na produção, mas se transforma na circulação em rede (repostagens, comentários, recortes, arquivamentos e apagamentos), o que exige atenção ética à visibilidade, ao direito de recusa e às condições de autoria. Os resultados indicam que a Fotoetnografia Miúda, articulada ao conceito de audiovisualidades, amplia o campo das metodologias visuais na educação ao produzir epistemologias infantis pluriterritoriais e oferecer pistas para repensar a formação docente com imagens e sons em ecossistemas conectados, reconhecendo territórios tradicionalmente marginalizados como produtores de conhecimento e presença.

Submetido em: 03/12/2025 – Aceito em: 16/12/2025 – Publicado em: 26/12/2025

¹ Jornalista. Doutora em Educação. Professora do Proped/UERJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Kékeré. “Pós-doutoranda sênior, bolsista CNPq (PDS) - FEUSP. Procientista/UERJ.

² Jornalista. Doutorando do Proped/UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Kékeré.

³ Jornalista. Pós-graduado em Gestão Pública. Integrante do Grupo de Pesquisa Kékeré.



PALAVRAS-CHAVE: Infância em terreiros. Audiovisualidades. Fotografia. rio São Francisco. Futebol. Formação docente.

ABSTRACT

For some time now, we have been practicing what we call Fotoetnografia Miúda. In this article, we unfold this methodological proposal across different territories through three notions that allow us to think about images produced with children from their situated ways of existing in the world. We call *macumbeira audiovisualities* those that emerge from the experiences of children in Candomblé terreiros; *riverine audiovisualities* those woven with children of the São Francisco River in their relationships with the Opará; and *fan/cheering audiovisualities of childhood* the images, sounds, and gestures born from children's encounters with football in stadiums, small fields, and on screens. Through a form of writing inspired by photographs and conversations with children, we show that these audiovisualities do not function as illustrations, but as a language that repositions children as epistemic subjects. Moreover, by understanding these productions as technocultural practices traversed by devices, platforms, and circuits of sharing, the article opens a path for dialogue with cyberculture studies, emphasizing that the meaning of images does not end with their production but is transformed through networked circulation (reposts, comments, cropping/remixing, archiving, and deletion), which demands ethical attention to visibility, the right to refuse, and the conditions of authorship. The results indicate that Fotoetnografia Miúda, articulated with the concept of audiovisualities, expands the field of visual methodologies in education by producing pluriterritorial childhood epistemologies and offering clues for rethinking teacher education with images and sounds in connected ecosystems, recognizing territories historically marginalized as producers of knowledge and presence.

KEYWORDS: Childhood in terreiros. Audiovisualities. Photography. São Francisco River. football/soccer. Teacher education.

RESUMEN

Desde hace algún tiempo, practicamos lo que llamamos Fotoetnografía Miúda. En este artículo, desplegamos esta propuesta metodológica en diferentes territorios a través de tres nociones que nos permiten pensar las imágenes producidas con niñas y niños desde sus modos situados de existir en el mundo. Llamamos *audiovisualidades macumbeiras* a aquellas que emergen de las experiencias de niñas y niños en terreiros de Candomblé; *audiovisualidades ribereñas* a las que se tejen con niñas y niños del río São Francisco en sus relaciones con el Opará; y *audiovisualidades hinchas de la infancia* a las imágenes, sonidos y gestos que nacen de los encuentros de las niñas y los niños con el fútbol en estadios, canchitas y pantallas. A partir de una escritura inspirada en fotografías y conversaciones con niñas y niños, mostramos que estas audiovisualidades no funcionan como ilustraciones, sino como un lenguaje que reposiciona a las niñas y los niños como sujetos epistémicos. Además, al comprender estas producciones como prácticas tecnoculturales atravesadas por dispositivos, plataformas y circuitos de compartición, el artículo abre una puerta para dialogar con los estudios de ciberultura, subrayando que



el sentido de las imágenes no se cierra en la producción, sino que se transforma en la circulación en red (republicaciones, comentarios, recortes/remixes, archivado y borrado), lo que exige atención ética a la visibilidad, al derecho a la negativa y a las condiciones de autoría. Los resultados indican que la Fotoetnografía Miúda, articulada al concepto de audiovisuales, amplía el campo de las metodologías visuales en educación al producir epistemologías infantiles pluriterritoriales y ofrecer pistas para repensar la formación docente con imágenes y sonidos en ecosistemas conectados, reconociendo territorios históricamente marginados como productores de conocimiento y presencia.

PALABRAS CLAVE: Infancia em terreiros. Audiovisualidades. Fotografia. rio São Francisco. Fútbol. Formación docente.

FOTOETNOGRAFIA MIÚDA E AUDIOVISUALIDADES INFANTIS: INTRODUÇÃO

Embora as imagens sejam velhas conhecidas da antropologia, a produção teórico-metodológica das pesquisas como registro técnico de imagem é mais recente (Mathias, 2016). Porém, quanto mais comuns forem os usos de fotografias, filmes e outras imagens nas pesquisas, maior o desafio de pensá-los, inclusive na Educação e nos Estudos da Infância.

Para Sarmiento (2014), a pesquisa em educação, de modo geral, usa imagens como fontes documentais, mas pouco as explora como instrumentos de investigação. Já os Estudos Sociais da Infância têm incorporado amplamente metodologias visuais (fotografia, vídeo, desenhos), em consonância com a ideia de “ouvir as vozes das crianças” por meio de linguagens não verbais. O autor também reafirma que as metodologias visuais produzem conhecimento e não apenas complementam a palavra escrita, aproxima a imagem da dimensão estética e narrativa e valoriza o potencial das metodologias visuais para pensarmos com crianças geralmente de minorias subalternizadas, ampliando, afirma, o alcance democrático das ciências sociais.

Compreendemos a fotografia como linguagem, o que significa deslocá-la do lugar de simples espelho do real ou de recurso ilustrativo e reconhecê-la como forma de enunciação situada. Em vez de transparência, há escolhas: enquadramentos que incluem e excluem, ângulos que hierarquizam corpos, jogos de luz e sombra que valorizam certos elementos, momentos precisos em que o gesto de clicar interrompe o fluxo da cena. Esses procedimentos compõem uma espécie de “gramática” da imagem fotográfica, por meio da qual se produzem sentidos sobre a infância, o sagrado, territórios e pertencimentos. Ler uma fotografia, portanto, não é



apenas identificar o que ela mostra, mas interpretar como e por que aquilo foi mostrado dessa maneira, em determinado contexto de produção e circulação. Ao assumir a fotografia como linguagem, entendemos que as imagens produzidas com crianças não funcionam como ornamentos do texto escrito, mas como operações de pensamento que organizam narrativas, memórias e afetos, articulando-se às audiovisuais que atravessam terreiros, rios e arquibancadas.

Neste artigo, partimos da noção de Fotoetnografia Miúda, definida por Caputo (2020), como uma etnografia feita com fotografias (tanto estática como em movimento) que tem as crianças como principais interlocutores, não só dos diálogos, como também das fotografias produzidas nas pesquisas. Aqui, transbordaremos a noção de Fotoetnografia Miúda em epistemologias infantis pluriterritoriais: os terreiros, as margens do rio São Francisco e as torcidas/campos de futebol. Faremos isso nos reunindo ao conceito de audiovisuais tal como desenvolvido por Kilpp e Fischer (2015) entendendo-o como o conjunto de qualidades audiovisuais que se atualizam em diferentes formatos da tecnocultura, atravessando mídias, dispositivos e espaços (cinema, televisão, vídeo digital, plataformas, mídias locativas etc.). Em vez de restringir o audiovisual a um suporte ou gênero específico, as audiovisuais permitem produzir e pensar modos de ver e ouvir, de narrar e montar, bem como os regimes de sensibilidade e de poder que se inscrevem nessas imagens e sons em movimento.

Propomos, portanto, as noções de *audiovisuais macumbeiras*, *audiovisuais ribeirinhas* e *audiovisuais torcedoras da infância* para nomear modos situados de sentir, narrar e montar mundos produzidos com crianças. A partir desses três campos, refletimos como imagens, sons e performances infantis convocam outras formas de pensar a infância, a imagem e a docência.

ÁGUA DE POÇO E BANHO DE CABAÇA: AUDIOVISUALIDADES MACUMBEIRAS**Figura 1** – Água doce em Eloá

Fonte: Foto de Stela Guedes Caputo

O banho de água de cabaça aconteceu no dia 18 de agosto de 2018, no Ilê Axé Omi Lare Iyá Sagbá, um terreiro de candomblé, em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Era dia de Olubajé no terreiro, uma grande festa anual, conhecida como “o banquete do rei”, em homenagem a Obaluayê, orixá da cura, senhor da terra. A água do poço escorre da cabaça, pelas mãos de Ekedí Lara de Oxóssi, 7 anos e derrama rastrozinho líquido no rosto de Eloá de Iansã, de 2 anos.

De acordo com Santaella (2012), ler uma foto é lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhe são próprias.



Assim, uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar, pois a significação imanente dos motivos e temas fotográficos é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar. (SANTAELLA, 2012, p. 80).

Concordamos. Cada foto tem sido escolha construída por uma longa relação com os interlocutores e interlocutoras de nossas pesquisas. Uma foto nunca é feita no momento em que nosso dedo indicador aperta o botão de disparo de nossas câmeras. Como disse Caputo (2018), cada foto guarda uma sucessão de dias e noites de observações antigas. Ela é feita de anterioridades e de olhos velhos, envelhecidos nos campos de nossos estudos.

Além das percepções de luzes, sombras, linhas e direções das quais nos fala Santaella, cada fotografia oferece muito mais. Ela trará gestos, atitudes, artefatos cotidianos, fragmentos de cantos e rituais. Na fotografia com a qual abrimos nosso artigo, em cima da cabeça de Eloá, ainda vemos os dedos de Ekedí Lara segurando uma cabaça, também chamada de *igbá* ou cuia. A cabaça é fruto do cabaceiro (ou cabaceira) e, de acordo com Jagun (2017), suas folhas são consideradas ervas fortes para desfazer feitiços maléficos. É artefato cotidianamente utilizado nos candomblés, tanto como paramento de diversas divindades, vasilhame para culinária, em inúmeros rituais, percussão e como cuia para banhos, como vemos na foto.

Lembro que, nesse dia, Ekedí Lara de Oxóssi definiu como gostaria de ser identificada em nossos textos, e Eloá de Iansã seguiu pelo mesmo caminho na conversa. Assim como sua irmã de santo, escolheu juntar seu orixá ao seu nome ao ser mencionada em nossos textos. Eloá de Iansã adiava o banho e Ekedí Lara de Oxóssi apressou a tarefa: “A festa já vai começar e ela nada de banho”, disse, enquanto banhava a irmã. “Eu ainda não queria”, protestava Eloá de Iansã, enquanto brincava com a água. Entre o riso, a conversa e o toque da cabaça, a cena condensava sons do barracão, cheiros de folhas, expectativas pelo Olubajé.

Nessa possibilidade, não olhamos para a fotografia como mera imagem fixa ou adorno do texto, mas como *audiovisualidade macumbeira*: uma composição em que se cruzam o traço luminoso, os toques de atabaque que não aparecem no enquadramento, as rezas que ecoam fora de campo, a memória dos banhos de cabaça vividos por outras crianças e adultos. A imagem faz vibrar um conjunto de qualidades audiovisuais (Kilpp; Fischer, 2013, 2015) que extrapolam o “visual” e nos fazem escutar o que não está



imediatamente visível: o axé que circula, o cuidado que se atualiza, o aprendizado miúdo sobre a festa e sobre o orixá da cura.

Em nossas pesquisas, portanto, as fotografias não são “enfeites” que acompanham descrições etnográficas, mas produtoras de conversa e de pensamento. Elas retornam ao texto como campos de força que pedem leitura, escuta e novas narrativas, desestabilizando a fronteira entre ver, ouvir e escrever e permitindo que as crianças de terreiro se afirmem como autoras de audiovisuais que pensam o mundo.

FLUTUAR COM O RIO: CORPO, CUIDADO, SABERES E AUDIOVISUALIDADES RIBEIRINHAS

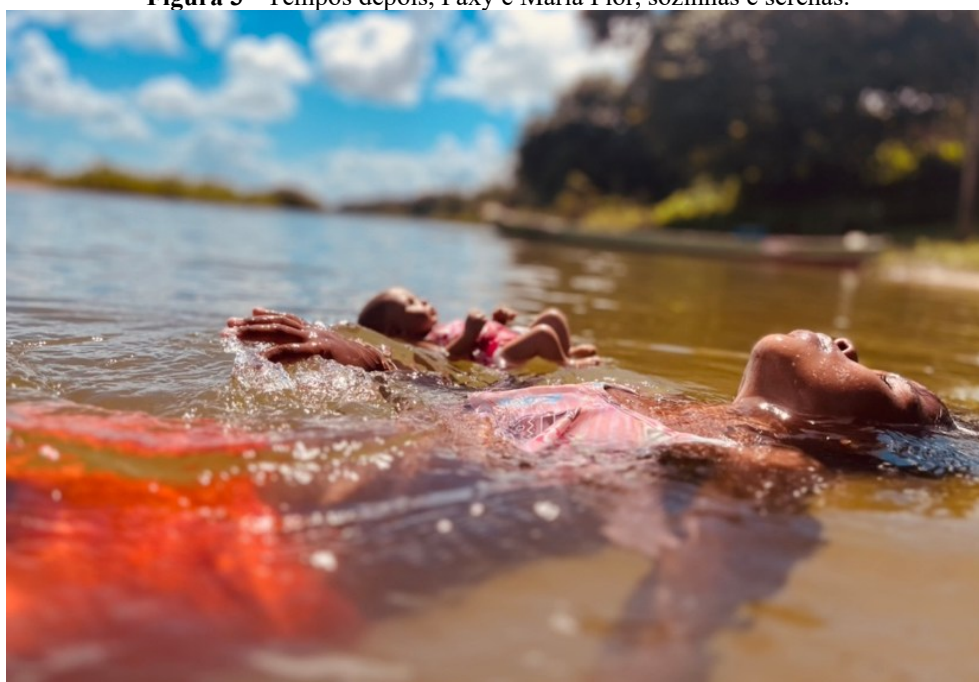
Em uma manhã ensolarada na aldeia do povo Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio (AL), Faxilyane Toxylyane (nome que, na língua Yaathe, de sua ascendência paterna Fulni-ô, significa “Pena da Arara Vermelha”) levou sua boneca Maria Flor para tomar banho no rio Opará, denominação indígena do rio São Francisco, cujo sentido em tupi-guarani evoca a imagem de um “rio-mar”. O que, à primeira vista, poderia ser percebido como mais uma cena cotidiana de brincadeira infantil, quando observado a partir da Fotoetnografia Miúda, revela camadas de sentido que extrapolam o gesto lúdico e nos convocam a pensar as pedagogias sensíveis que atravessam as crianças ribeirinhas.

Maria Flor não é apenas uma boneca. Trata-se de um bebê reborn, figura amplamente debatida no Brasil contemporâneo por sua capacidade de mobilizar afetos, práticas de cuidado e fantasias de maternagem, ao mesmo tempo em que suscita controvérsias acerca dos limites entre ficção e realidade, infância e adultificação, consumo e produção de subjetividades. No contexto das infâncias ribeirinhas indígenas, porém, esse gesto assume outras cosmopercepções (Oyewùmí, 2021). O desejo de boiar é compartilhado: Faxy pede à mãe, Carla, que a segure enquanto experimenta flutuar com Maria Flor. Carla sustenta Faxy, que sustenta a boneca. Por instantes, mãe, filha e bebê reborn tornam-se extensão umas das outras, compondo uma coreografia de cuidado suspensa sobre o rio, como penas de araras vermelhas entregues à água e ao tempo lento do Velho Chico.

Figura 2 - Carla, Faxy e Maria Flor.

Fonte: Foto de Luis Osete

Quando se sentem seguras, Faxy e Maria Flor passam a boiar sozinhas, serenas, num gesto que transita entre o rito de passagem, a autonomia e a invenção de mundos possíveis.

Figura 3 - Tempos depois, Faxy e Maria Flor, sozinhas e serenas.

Fonte: Foto de Luis Osete



Ao contrário do olhar patologizante que por vezes recai sobre a relação entre crianças e bebês reborn, a imagem nos convida a outra leitura: a de que o corpo e, por extensão, o brincar, é um espaço de produção de saber. Ensinar Maria Flor a boiar atualiza uma pedagogia do cuidado que atravessa gerações ribeirinhas indígenas e que tem no gesto, no toque e na escuta do outro os seus elementos fundantes. A boneca, que no imaginário urbano pode simbolizar carência, aqui é potência: um corpo simbólico com quem se aprende, se partilha e se flutua. Um corpo que carrega, com Faxy, a possibilidade de atravessar as águas como extensão de si.

Chamamos de audiovisuais ribeirinhas os modos de produção de imagens, sons e narrativas que emergem das experiências corporais das crianças em relação direta com o Opará. São registros construídos no contato com o território, a partir de fotografias, vídeos, áudios e montagens improvisadas que acompanham travessias, mergulhos, brincadeiras coletivas e ensinamentos cotidianos sobre a vida ribeirinha. Nessas audiovisuais, o Velho Chico assume a condição de sujeito pedagógico que ensina perigos e prazeres, travessias e permanências, temporalidades e modos de resistência cotidiana.

A cena protagonizada por Faxy, portanto, não é um episódio isolado no âmbito da pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2022, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/Uerj). Ao longo da convivência com crianças ribeirinhas em quatro comunidades (além da aldeia do povo Kariri-Xocó, a comunidade quilombola Mata de São José, em Orocó (PE), o bairro de pescadores do Angari, em Juazeiro (BA), e o povoado de Saramén, em Brejo Grande (SE), temos observado como essas práticas de aprendizado compõem um campo imagético comum, em que a convivência com o rio se transforma em exercício coletivo de cuidado e invenção de mundos.

Ao contrário da lógica que infantiliza e silencia corpos infantis racializados, essas crianças ensinam, com gestos, brincadeiras e afetos, modos outros de existir. Durante minhas passagens pela aldeia Kariri-Xocó, notei o quanto as crianças vivenciam a infância no sentido de uma compassada aproximação dos ensinamentos que os seus antepassados, vivos e mortos, lhes



desejam transmitir. Percebi o quanto remam e correm em direção ao lugar ancestral que habitam, o seu território sagrado, margeado, marcado e desenhado pelo Opará.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui”, escreve Krenak (2022, p. 11) nas primeiras palavras (pós-epígrafe) de Futuro Ancestral, na abertura do primeiro capítulo do livro (Saudações aos Rios). Poderíamos substituir a palavra “rios” pela palavra “crianças” e teríamos a dimensão do porvir que essa infância indígena ribeirinha prospecta: o Futuro Ancestral.

Essa compreensão abre caminhos para políticas educacionais comprometidas com a valorização dos saberes encarnados, capazes de promover currículos sensíveis ao corpo-rio, corpo-memória, corpo-caminho e às relações com os territórios tradicionais. Flutuar com Maria Flor é um convite à construção de uma ciência do afeto que emana das margens e tensiona os regimes hegemônicos de poder-saber, redefinindo quem produz conhecimento e sob quais critérios ele se legitima.

Seguir flutuando com as crianças do Opará é, dessa forma, aceitar o convite para repensar o que entendemos por conhecimento e, sobretudo, quem tem o direito de produzi-lo.

ENCANTAMENTOS E PERTENCIMENTOS NO FUTEBOL: AUDIOVISUALIDADES TORCEDORAS DA INFÂNCIA

Garrincha, considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos, costumava dizer que todo marcador era um “João”, como se fossem todos iguais, “qualquer um”, sem identidade. Era assim que ele se referia àqueles que não conseguiam marcá-lo. O jovem João, também num campo de futebol, nos faz pensar exatamente o contrário: toda criança é única em sua forma de sentir, torcer e existir. Crianças reinventam o mundo à sua maneira, produzindo gestos, afetos e presenças que jamais podem ser reduzidos a um nome comum e muito menos ao fato de não conseguir realizar algo.

É assim que, vindo do terreiro e do rio, nos encontramos no concreto do estádio. É nesse cenário que acompanhamos João Trindade, seus gestos miúdos e sua relação amorosa com o Goytacaz, para pensar como o futebol se torna, para muitas crianças, conhecimentos de mundo.

João Trindade tinha seis anos quando entrou no Estádio Ary de Oliveira e Souza, o “Aryzão”, em Campos dos Goytacazes, para assistir à final da Série B do Campeonato Carioca de 2017. Pequeno na estatura, transformou-se em um gigante nos ombros do pai. Braços erguidos, expressão de felicidade, corpo entregue ao canto coletivo revelavam mais do que entusiasmo infantil, constituíam uma forma de existir.

Cada gesto de João parecia mover o Goytacaz, time que aprendeu a amar através da herança familiar, como se seu corpo já compreendesse que torcer é uma maneira de pertencer. João não era “qualquer João”. Era um corpo único produzindo afeto e conhecimento no estádio, um gesto que devolve à infância seu nome próprio, sua potência e sua capacidade de pensar e reorganizar o mundo ao redor.

Figura 4 - João na arquibancada com seu pai.



Fonte: Foto Raphael Bozeo

Enquanto Goytacaz e América disputavam o título, a presença infantil ocupava a arquibancada protagonizando uma verdadeira falange de encantamento pelo futebol. Crianças imensamente presentes,



reinventavam o espaço com suas vozes, seus gestos e suas relações, distantes dos holofotes dos grandes estádios e das torcidas midiáticas. Num jogo da Segunda Divisão em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, o futebol se fazia território afetivo. Era como se o Aryzão se convertesse, naquele instante, em uma escola sensível onde se aprendia a torcer, vibrar e imaginar o mundo a partir dos olhares da infância.

No estádio, esse aprendizado se dá pelas cores do clube, pela sincronia do canto, pelos corpos que vibram com as palmas, pelo barulho ensurdecedor, pelo grito, pelos abraços trocados com amigos e, instantes depois, com desconhecidos. Pelo choro da derrota e pelo sorriso que explode com o gol. É ensinança afetiva que atravessa pais, mães e filhos, que vivem, experimentam e compartilham, ao longo de noventa minutos, um conjunto de sensações que se misturam e se tornam memórias.

Para Sarmento (2019), a infância não é apenas uma etapa biológica, mas uma condição social produtora de cultura, sentidos, saberes e modos de existir. Escutar João, seus gestos, afetos, relação com o estádio e memórias, é reconhecer que a criança não é um mero observador. Ela olha o mundo de fora e recria por dentro. Ela interpreta, nomeia e reinventa o território. Narra e produz sentidos sobre pertencimento, coletividade e futebol.

As imagens produzidas naquele dia não buscavam o jogo em si, nem pretendiam exaltar o autor do gol, o herói do título ou congelar aquela defesa de capa de jornal. Não havia intenção de capturar o gesto consagrado no imaginário midiático. O foco estava nos encontros, nas relações entre criança e pais, criança e torcida, criança e território, e na maneira como esses vínculos se entrelaçaram em afetos.

A fotografia de João torna-se exemplo do conceito formulado por Henri Cartier-Bresson, que dizia que “fotografar é reconhecer, ao mesmo tempo e numa fração de segundo, a significação de um fato e a organização rigorosa das formas percebidas visualmente que o exprimem” (Bresson, 2011, p. 14). Esse é o instante decisivo: o momento único em que emoção, corpo, movimento e território se alinham antes de se desfazerem. Trata-se, aqui, perceber o acontecimento sensível no olhar de uma criança sobre os ombros do pai, um breve lampejo que, se não fotografado, desaparece como imagem.

Oito anos depois, a fotografia de João, naquele jogo, permanece viva. Tornou-se símbolo compartilhado e circula constantemente na página oficial do Goytacaz, em perfis de torcedores, páginas dedicadas ao clube e nas redes sociais diversas. Cada aparição, reinscreve João como sujeito da própria história.

Propomos então, a noção de *audiovisualidades torcedoras da infância*: o conjunto de imagens, sons, gestos, fotografias e registros que emergem quando crianças encontram o futebol como território afetivo



e epistêmico seja nas arquibancadas, nas torcidas organizadas, nos campinhos de várzea, nas escolinhas, nas peladas de rua ou diante das telas. São audiovisuaisidades que além de representar, inventam modos de existir, que articulam corpo, família, estádio e memória, e inscrevem nas infâncias não apenas a torcida por um clube, mas um modo de habitar o mundo.

Na cena de João Trindade, a criança não apenas torce: ela produz conhecimento, território e experiência. O que faz uma criança se apaixonar pelo futebol? Seriam os títulos, os grandes heróis, a febre midiática, os escudos estampados nos jornais e nas redes sociais? A experiência de João revela que não existe fórmula matemática capaz de explicar essa paixão, principalmente se tratando do afeto por um clube que está longe da elite estadual há mais de 30 anos. Há, sim, uma espécie de alquimia: cheiro de arquibancada, mãos que se erguem juntas, tambores que vibram no peito, vozes que encontram outras e relações ancestrais sim de pertencimento.

É nesse espaço coletivo que a infância aprende a torcer pelo encantamento. A fotografia de João ativa sensações como vínculo, invenção e reorganização do mundo a partir da infância. Simas e Rufino (2018) dizem que “encantamento é a capacidade de ativar potências de vida, produzir vínculos, reorganizar mundos e reinventar existências”. No Aryzão, em 2017, o encantamento infantil reorganizou o estádio e reinventou formas de torcer e de pertencer. João nos lembra que o futebol, antes de ser espetáculo, é encontro. E é nesse encontro, vibrante, sensível e coletivo, recheado de sensações, que a paixão nasce.

FOTOGRAFIAS, TERREIROS, RIOS, ESTÁDIOS E A DOCÊNCIA EM MOVIMENTO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista, o terreiro, o rio São Francisco e o estádio de futebol parecem mundos muito distintos: religiões afro-brasileiras, povos indígenas ribeirinhos e torcidas em estádios costumam ser tratados em campos separados, por vezes marcados pelo estigma, pela exotização ou pela violência. Ao aproximar esses três territórios a partir da Fotoetnografia Miúda, tensionamos essas fronteiras e propomos vê-los como cenas de um mesmo esforço: acompanhar epistemologias infantis pluriterritoriais que se inscrevem em múltiplos sentidos e performances e que, muitas vezes, permanecem invisíveis nos discursos escolares e acadêmicos e também em políticas públicas.



As audiovisualidades macumbeiras, ribeirinhas e torcedoras da infância que aqui discutimos não se limitam a “mostrar” crianças nos terreiros, nos rios ou nas arquibancadas. Elas configuram modos de narrar o mundo em que o axé, as águas do Opará e o amor pelos times de futebol se tornam matérias de pensamento. Nos terreiros, a fotografia composta por Eloá de Iansã e pela mão de Equede Lara de Oxóssi se enredam com água do poço, cabaça, sons de atabaques anunciando o início da festa, artefatos, elementos e ritmos compondo arquivos de axé que disputam com imagens coloniais e racistas sobre Candomblé e da Umbanda. No Opará, as cenas de Faxy e Maria Flor boiando no rio se inscrevem em ensinanças da água ao medir riscos, cuidar umas das outras e reconhecer o rio como parente. No estádio, a fotografia de João em um jogo decisivo transforma uma tarde de futebol em um ponto de inflexão na sua história de pertencimento e nos arquivos visuais do time.

Articulada às reflexões de Kilpp e Fischer sobre audiovisualidades, a Fotoetnografia Miúda desloca a fotografia, o vídeo e outros registros de um lugar subordinado à escrita e os recoloca como operações epistemológicas e políticas. Não trabalhamos com imagens para “provar” o que as crianças disseram em entrevistas, mas para criar, com elas, situações de conversa, de lembrança e de composições de mundo. As imagens (vistas, mostradas, negociadas e recusadas) são elas mesmas lugar de disputa de sentidos, de produção de memória e de reivindicação de direitos, especialmente quando se trata de crianças de terreiros, crianças indígenas ribeirinhas e também crianças torcedoras.

Em termos teórico-metodológicos, isso implica deslocar a fotografia do estatuto de “recurso didático” ou “ilustração” e recolocá-la como operação epistemológica situada, em diálogo com as audiovisualidades de Kilpp e com a Fotoetnografia Miúda. Ver, ouvir e escrever com crianças de terreiros, do Opará e das arquibancadas significa propor que o conhecimento também se compõem em imagens e sons, e que são precisamente essas composições que tensionam o racismo religioso, o colonialismo, o futebol visto como espaço de violência e as formas hegemônicas de narrar a infância na educação. As audiovisualidades infantis pluriterritoriais não apenas descrevem o mundo: elas o reinventam.



Ao final deste percurso, o que defendemos é que pesquisar com imagens significa assumir uma ética e uma política da escuta que ultrapassa o campo sonoro: escutar também o que as fotografias e vídeos nos dizem sobre quem pode aparecer, em que condições, com quais nomes e vínculos. As audiovisuais que emergem nesses três territórios nos convidam a repensar não apenas os lugares da infância e da docência, mas o próprio modo como a pesquisa em educação se relaciona com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, com a antropologia da imagem, com os estudos da infância, e com as lutas contra o racismo religioso, o colonialismo, a desqualificação dos estádios como espaços formativos, de afeto e memória.

Pensar essas audiovisuais na educação implica, necessariamente, interpelar a formação docente. Se as imagens de crianças de terreiros, do Opará e das arquibancadas produzem conhecimento, não podemos formar professoras e professores apenas para “utilizar recursos visuais” como apoio didático. Insistimos: é preciso aprender a ler, escutar e produzir imagens com as crianças, reconhecendo-as como autoras de arquivos que desestabilizam o racismo religioso, o colonialismo e as desqualificações que ainda rondam terreiros, rios e estádios como espaços formativos. Isso supõe incluir, nos currículos de formação docente, experiências de trabalho com fotoetnografia miúda e com audiovisuais infantis, bem como discussões éticas, políticas e estéticas sobre quem aparece nas imagens escolares, em que condições e sob quais regimes de visibilidade.

Ao refletirmos com audiovisuais macumbeiras, ribeirinhas e torcedoras da infância, apostamos que a formação docente pode se abrir à possibilidade de aprender com essas crianças a ver–ouvir–sentir o mundo de outros lugares e a inventar outras pedagogias para a escola. Isso implica reconhecer que tais audiovisuais não existem apenas como “material” de pesquisa, mas como modos de presença e de circulação: imagens, sons e gestos que atravessam dispositivos, redes e plataformas, produzindo vínculos, memória e disputa de sentidos na própria tecnocultura.

Acreditamos que nosso texto pode dialogar diretamente com os estudos da ciberultura ao tratar as fotografias e vídeos com crianças como artefatos conectivos, cujas vidas continuam em compartilhamentos, legendas, comentários, reenvios e recontextualizações e que, por isso



mesmo, exigem uma ética situada: pensar junto *com quem* a imagem circula, *como* circula, *o que* ela protege, *o que* ela expõe, e *que regimes de visibilidade* ela aceita ou recusa. Assim, a docência em movimento que propomos não é só uma docência “que usa imagens”, mas uma docência que aprende a habitar criticamente as redes, sustentando outras políticas do sensível e da infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPUTO, Stela Guedes. **“As Crianças de terreiros somos nós, as importantes”:** mais algumas questões sobre os Estudos com Crianças de Terreiros. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 17, n. 48, p. 381–405, 2020.

CAPUTO, Stela Guedes. **Reparar Miúdo, narrar Kékeré: notas sobre nossa: fotoetnopoética com crianças de terreiros.** *Revista Teias* v. 19 • n. 53 • Abr./Jun. 2018.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O instante decisivo.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

JAGUN, Márcio. **Vocabulário temático do candomblé.** Rio de Janeiro: Litteris, 2017.

KILPP, Suzana; FISCHER, Gustavo Daudt (org.). **Para entender as imagens: como ver o que nos olha?** Porto Alegre: Entremeios, 2013.

KILPP, Suzana (org.). **Tecnocultura audiovisual: temas, metodologias e questões de pesquisa.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOPES, Tiago; FISCHER, Gustavo. **Escavações de audiovisualidades em narrativas site-specific.** *Comunicação & Informação, Goiânia*, v. 23, p. 1-21, 2020. DOI: 10.5216/ci.v23.66356.

OYEWÚMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Metodologias visuais em ciências sociais e da educação.** In: TORRES, Leonor; PALHARES, José-Augusto (org.). *Metodologias de investigação em educação e ciências sociais.* Braga: Húmus, 2014.



SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.